Desenvolvimento das habilidades de pensamento e educação para o pensar.

Marcos Antonio Lorieri

Se um dos objetivos do programa de filosofia para crianças e educação para o pensar é desenvolver atividades voltadas a uma educação para o pensar bem, tornar-se necessário explicitar as ideias produzidas por Matthew Lipman a este respeito.

Habilidades de pensamento são aquelas condições que, se desenvolvidas adequadamente, auxiliam as pessoas a pensar bem, isto é, a produzir pensamentos que representam adequadamente a realidade, que podem explicar suficientemente, que podem justificar tais explicações, que podem oferecer novas informações quando bem articuladas entre si, que podem ser indicativos ou orientadores mais seguros do agir humano, etc.

Para Lipman as habilidades estão interligadas entre si. Elas não são estanques: formam um sistema de funcionamento que, quanto mais seguro e melhor funciona, mais se desenvolve. Quais seriam estas habilidades? Ou melhor, quais seriam algumas destas habilidades que deveriam merecer atenção educativa especial?

As habilidades de pensamento foram organizadas em quatro grupos:

**1º. Grupo: Habilidades de Investigação.**

**2º. Grupo: Habilidades de Raciocínio.**

**3o Grupo: Habilidades de Formação de Conceitos.**

**4o Grupo: Habilidades de Tradução.**

**1º. Grupo: Habilidades de Investigação.**

Investigação é busca. É busca de soluções. É busca de saber como é, de saber como ocorre, de saber como se faz, de saber como se resolve um problema. É busca de explicações e é busca, também, de como fazer. “Investigação é uma prática autocorretiva onde um tema é investigado com o objetivo de descobrir ou inventar maneiras de lidar com aquilo que é problemático. Os produtos da investigação são os julgamentos.” (LIPMAN, 1995, p. 72). Para a realização do processo de investigação são necessárias, no mínimo, as seguintes habilidades:

A habilidade de **saber** **observar bem.**

Observamos utilizando os sentidos externos e nossas capacidades de sensações internas. Observar é dar-se conta dos elementos e das relações que produzem uma determinada situação, ou fato, ou objeto. Observar criativamente é dar-se conta de possíveis novas relações em determinada situação, ou fato, ou objeto. É uma habilidade que todos têm e que é possível desenvolver estimulando o seu emprego em situações variadas.

A habilidade de **saber formular questões ou perguntas substantivas.**

A partir das observações, somos levados a indagar, a perguntar. Há sempre algo que desperta curiosidade, especialmente em situações embaraçosas. Perguntar, todas as pessoas o fazem. Nem sempre, porém, as pessoas formulam boas perguntas, isto é, perguntas que desafiam o esforço de indagação. Trata-se de desenvolver a capacidade de formular perguntas substantivas: aquelas que tenham conteúdo de interesse investigativo tal que nos impulsionam à busca e à produção de conhecimentos.

A habilidade de **saber formular hipóteses.**

Formular hipóteses é o mesmo que pensar respostas possíveis a questões ou perguntas. Para ser capaz de formular boas hipóteses é necessário ser capaz de imaginar, supor, criar alternativas, inventar, etc. Isso está diretamente ligado ao pensamento criativo.

A habilidade de **saber buscar comprovações.**

A segurança de nossos conhecimentos depende de sua comprovação ou de argumentação suficiente a seu respeito. É importante que assim seja, pois, os utilizamos para explicações, para justificativas e para orientar nossas formas de agir. Saber buscar comprovações é habilidade que pode ser desenvolvida quando se estimula para a verificação, para a averiguação, para a medição, para a argumentação, para a experimentação, para a constatação, para a exemplificação, etc.. O não aceitar afirmações gratuitas, isto é, sem que paguem o preço de alguma comprovação, é atitude que força o interlocutor a buscar a prova. No âmbito educacional o educador deve ser um cobrador de argumentos e de comprovações.

E, ainda, a habilidade, ou melhor, a disposição à **auto-correção**. Lipman a aponta mais como uma disposição que deve ser aprendida. Quando os achados são colocados à prova e as pessoas se dispõem a revê-los se os argumentos assim indicam, há possibilidades efetivas de um aprimoramento na produção de conhecimentos.

**2º. Grupo: Habilidades de Raciocínio.**

Raciocínio é o processo de pensar através do qual se obtêm novos conhecimentos a partir de conhecimentos anteriores e a partir de certas relações que podem ser estabelecidas entre estes conhecimentos. O processo de pensar pelo qual “tiram-se”, ou obtêm-se novas informações “de dentro” das relações entre informações anteriores, chama-se processo de inferência. “Raciocínio é o processo de ordenar e coordenar aquilo que foi descoberto através da investigação. Implica em descobrir maneiras válidas de ampliar e organizar o que foi descoberto ou inventado enquanto era mantido como verdade”. (LIPMAN, 1995, p. 72).

O que foi descoberto através da investigação são informações que são organizadas nos juízos ou nos julgamentos. Juízos são afirmações (ou negações) a respeito de algo. Quando ordenamos e coordenamos os juízos, diz Lipman, de tal forma que, a partir deles, ampliamos aquilo que havíamos descoberto na investigação, fazemos ou elaboramos um raciocínio.

O conhecimento origina-se da experiência. Uma maneira de ampliá-lo sem, no entanto, recorrer a experiências adicionais, é através do raciocínio. *Considerando aquilo que conhecemos, o raciocínio nos permite descobrir coisas adicionais afins.* A partir de um argumento solidamente formulado, onde iniciamos com premissas verdadeiras, descobrimos uma conclusão igualmente verdadeira que é “inferida” em conseqüência destas premissas. Nosso conhecimento baseia-se na experiência do mundo; é por meio do raciocínio que ampliamos este conhecimento, preservando-o. (LIPMAN, 1995, p. 66. Itálicos do autor.).

O raciocínio é, pois, o processo do pensamento através do qual são produzidas conclusões a partir de algo já sabido. Isso, todas as pessoas fazem, inclusive crianças pequenas. Há, porém, raciocínios mais simples e raciocínios mais complexos e um dos objetivos da educação deve ser o de ajudar crianças e jovens a serem capazes de realizar raciocínios mais complexos. Para tanto é importante promover o fortalecimento das habilidades de raciocínio que envolvem, por exemplo, “a utilização de inferências bem fundamentadas, a apresentação de razões convincentes, a revelação de suposições latentes, a determinação de classificações e definições defensáveis e a organização de explicações, descrições e argumentos coerentes. (LIPMAN, 1995, p. 46).

Assim, as habilidades de raciocínio a serem cuidadas educacionalmente são:

* A de **produzir bons juízos,** isto é, a capacidade de produzir afirmações sustentadas por boas razões.
* A de **estabelecer relações entre idéias e, especialmente, entre juízos.** Estimular crianças e jovens a estabelecer variados tipos de relações entre coisas e coisas, fatos e fatos, situações e situações, e, especialmente a estabelecer relações entre idéias. Há relações de grau; de igualdade, de semelhança, de diferença; relações parte-todo; relações de causa e efeito; relações espaciais; relações temporais; relações de gênero; relações de número; relações sociais; relações semânticas; relações sintáticas; relações de transitividade; relações de reciprocidade; etc. A capacidade de realizá-las deve ser estimulada, mas a ênfase deve ser dada às relações entre idéias.
* A de **inferir, isto é, de “tirar” conclusões.** Esta é a habilidade básica que permite o raciocínio.
* Ser capaz de **identificar ou perceber pressuposições subjacentes;** oude “ler nas entrelinhas”, ou de inferir o que está subentendido.

**3o Grupo: Habilidades de Formação de Conceitos.**

Um conceito é sempre uma organização de informações numa idéia que pode ser expressa por uma palavra, por um conjunto de palavras, por esquemas, diz Lipman (1995, p. 67). Trata-se de conjuntos de informações relacionadas entre si e que formam um sentido, um significado.

A formação de conceitos implica na organização de informações para grupos relacionais e, então, analisar e esclarecê-los para facilitar sua utilização na compreensão e no julgamento. O pensamento conceitual envolve relacionar conceitos entre si a fim de formar princípios, critérios, argumentos, explicações, etc. (LIPMAN, 1995, p. 72).

Os conceitos podem ser formados a partir de relações diretas com coisas, objetos, situações, fenômenos, dentro de contextos situacionais culturais de uso e de significação ou, também, sem que se esteja em relação direta, física, com os objetos. Por exemplo, através da linguagem. Seja em que situação for, para formar conceitos, é necessário ser capaz de: relacionar idéias entre si; “esmiuçar” idéias que estão juntas, isto é, analisar; juntá-las, de novo, isto é, sintetizar; esclarecer significados; explicar; etc. A posse de conceitos é o que permite articulá-los no processo do pensar: pensar é articular idéias ou conceitos. Isso significa dizer que pensar é estabelecer relações entre idéias. Quem não tem conceitos não pensa.

Colocamos crianças e jovens em contato com muitas palavras, mas não as provocamos para que explicitem os seus significados. Eles se tornam leitores de palavras, mas não dos seus significados. O trabalho com as palavras é um bom caminho para desenvolver habilidades que auxiliam na formação de conceitos, tais como:

- Habilidade de **explicar, ou desdobrar, o significado de qualquer palavra;**

* Habilidade de analisar, de esmiuçar elementos que compõem um conceito qualquer e de**, em seguida, sintetizar, unir de novo tais elementos, reconstituindo o conceito;**
* Habilidade de **buscar significados** de palavras em fontes como dicionários, enciclopédias, pessoas, e de adequar os significados encontrados ao contexto em que tais palavras são utilizadas;
* Habilidade de **observar características essenciais** para que algo possa ser identificado como tal;
* Habilidade de **definir,** isto é, ser capaz de dizer o que algo é e que o torna inconfundível.

**4o Grupo: Habilidades de Tradução.**

Traduzir é conseguir dizer algo que está dito com certas palavras, ou de certa forma, por meio de outras palavras, ou por meio de outras formas, mantendo o mesmo significado. Diz Lipman que isto é o que ocorre nas boas traduções de uma língua para outra. Mas, não só: isso ocorre, também, quando procuramos dizer, com nossas próprias palavras (ou por outros meios), algo que alguém disse, escreveu, expressou por mímica ou desenho, mantendo o significado. “*Tradução* implica na transmissão de significados de uma língua ou esquema simbólico, ou modalidade de sentido, para outra, mantendo-os intactos.” (LIPMAN, 1995, p.72).

Para o desenvolvimento desta megahabilidade, diz Lipman, é necessário desenvolver a capacidade de interpretação, bem como todas as habilidades envolvidas na formação de conceitos. Ou, é necessário estimular o desenvolvimento das capacidades de:

* Interpretar
* Parafrasear
* Analisar
* E todas as habilidades relacionadas à formação de conceitos.

A proposta de educação para pensar bem de Lipman não pode ser entendida como um mero treino de utilização de habilidades. O que ele propõe é o trabalho de investigação dialógica a respeito de questões relativas a temas, ou a conteúdos, no qual as habilidades de pensamento são sempre solicitadas. Neste trabalho é importante que o educador conheça as habilidades de pensamento, saiba identificar sua utilização por parte dos educandos, saiba avaliar o seu desempenho na utilização delas e saiba tanto estimular seu uso como indicar um uso melhor, se for o caso.

Os conteúdos são de fundamental importância, pois, não há o pensar e nem formação humana sem algum conteúdo. O que não se pode continuar a fazer é apenas apresentar conteúdos para que deles simplesmente os alunos tomem ciência. Eles precisam, além de tomar ciência dos conteúdos, serem capazes de analisá-los, avaliá-los, problematizá-los e re-elaborá-los. Isto se faz pensando e, pensando bem.